

Jornal 7/10/83

# Niassa: aqui começa Moçambique novo

Moçambique está em efervescência. Mas, tal como na luta de libertação, é o Norte do país que assume, neste momento, a vanguarda da ebulição: Niassa, «retaguarda segura do país», como se lê num grande cartaz no aeródromo de Lichinga (antiga Vila Cabral). Niassa, província fértil, duas vezes e meia maior que Portugal, com apenas pouco mais de meio milhão de habitantes. Niassa, onde começa Moçambique novo.

A bordo do «Boeing 737» das Linhas Aéreas de Moçambique, que me transporta de Tete para Lichinga, vislumbro densas matas verdes numa enorme planície, bordejadas pelo belo lago Niassa.

Esta é a primeira imagem, de fertilidade e serenidade, com que fico dessa imensa província do Niassa, para onde estou a ser evacuados os improdutivos e vagabundos das grandes cidades.

## Fazer do Niassa um modelo

Em Lichinga espera-me o homem do protocolo e secretário do governador Sérgio Vieira, que me conduz, ao centro da tranquila e pacata cidade de largas avenidas.

Pela estrada até à cidade vários cartazes dispostos no senti-

do da circulação, saúdam os visitantes e constroem a frase: «Fazer do Niassa/ Exemplo e Modelo/ Da luta contra/ O subdesenvolvimento.»

Fico hospedado na pousada de Lichinga, que recebera ordens para «desalojar» os clientes, porque se esperava a visita oficial do presidente Samora Machel à província, acompanhado de uma delegação. A visita não chegará a concretizar-se.

No cinema da cidade, o cine-teatro ABC, edifício moderno e amplo, estão cartazes do filme (soviético) em exibição: «História de um Desconhecido.»

Dou uma volta pela cidade. Nas ruas, nem um pequeno vestígio de lixo, de sujidade. Nas lojas comerciais não só não há bichas como se encontra as roupas e os tecidos que não há em Maputo.

Numa casa de pronto-vestir vejo calças de caqui a

1305 e a 1610 meticais (em dinheiro português é multiplicar por três), camisas a 1075 e 1185 meticais, sacos de viagem a 680 e 1540 meticais, blusões a 2517 meticais.

Numa loja ao lado, pó-detergente para a loiça vende-se a 150 meticais, escovas para fatos a 57, óleos para o cabelo a 127, chá da Zambézia, «Gurué», a 50 meticais o pacote, garrafas de piripiri a 164, colheres de sobremesa a 10 meticais.

Compro uma colher de sobremesa, que me vem a ser muito útil para dar «vasão» a algumas compotas que tinha comprado na loja franca, em Maputo.

## Uma só bicha... para esferográficas e revistas

A única bicha que vejo em Lichinga é em frente à livraria-papelaria do Instituto Nacional do Livro e do Disco, para a compra de esferográficas «Bico» e de revistas «Tempo», que haviam chegado na altura.

A livraria tem à venda mais livros que as livrarias de Maputo. Lá encontro algumas das obras «esgotadas» da coleção

«Autores Moçambicanos», entre as omnipresentes (mas parece que intocáveis — a avaliar pelo pó acumulado...) «Obras Escolhidas» de Lenine.

Muitos livros infantis (edições nacionais), livros político-didáticos editados pela FRELIMO e o livro «As Nossas Receitas», da Organização das Mulheres Moçambicanas, completam o «stock» de obras à venda na livraria.

## Loja para directores provinciais...

Pela primeira vez, em Moçambique, vejo bananas à venda, numa espécie de mercearia que também vende sabão. Numa loja ao lado encontro, não só bananas como beringelas, peixe, arroz, batatas, sabonetes, detergentes. Mas ninguém a comprar...

Quanto tento ser comprador de um quilo de bananas apanho com a resposta: «Esta loja é só para directores provinciais.» Contento-me com as bananas mais pequenas e verdes da loja ao lado.

Ao chegar à pousada há um pequeno alvoroço junto ao balcão da recepção: tinha chegado, de avião, uma encomenda



Celebração em Moçambique  
Mais escolas no Niassa

de várias caixas de cigarros búlgaros, de marca «Opal». Cada maço é vendido a 80 meticais (cerca de 250 escudos portugueses) e cada caixa a 400.

No dia a seguir já não há tanta procura. «Só tem Opal?» — perguntam os clientes de fora, que chegam para o lanche — É que isso é tão mau...»

A pousada é o único local da

cidade em que se serve lanches, para hóspedes e não-hóspedes: pão (que há com fartura) com doce de toranja e chá.

Deito-me cedo, na pousada silenciosa, sem hóspedes — que o meu quarto dá para as traseiras, sobre um recinto, ao ar livre, onde se cozinha num grande forno de terra. Adormeço antes do corte da luz (to-

das as noites às 22 horas), a ouvir uma cantileira de um empregado da pousada junto ao forno: «Viva Frelimo, viva Frelimo, viva Frelimo!»

### Cidade de ex-delinquentes

No dia a seguir, logo de manhãzinha, partida para Unango, a «cidade do futuro», recentemente inaugurada pelo ministro da Segurança, Mariano Matsinhe. Unango, antigo campo de reeducação de criminosos. Os mesmo que hoje, recuperados, constroem a nova cidade.

Na pousada falta água. Um empregado traz-me um balde e uma garrafa com o líquido racionado.

Em Unango, no sopé da montanha do mesmo nome, vou encontrar água corrente. A água de nascentes que irriga a fértil planície do distrito de Lichinga.

Na aldeia — núcleo inicial de Unango — recebo-me o chefe do protocolo local, um jovem de 24 anos.

Leva-me à «casa histórica», uma grande casa agrícola de colmo onde o presidente Samora Machel se reuniu, em 22 de Outubro de 1979, com os então 500 reeducandos que tinham cometido diversos crimes de delito comum: roubos, consumo e tráfico de droga, condução ilegal, violações, e até assassinatos.

A casa é «histórica», porque foi nela que o presidente Samora Machel concedeu a amnistia a todos os reeducandos de Unango, exortando-os a construir nova vida.

### Recomeçar tudo em Unango

Ex-criminosos recomeçaram tudo em Unango. Organizaram-se, constituíram família, construíram casas e cooperativas agrícolas e de consumo, deram corpo a uma das mais interessantes experiências de recuperação de delinquentes.

O jovem que me recebe, o

chefe do protocolo de Unango, confessa que tinha sido preso e enviado para o então campo de reeducação de Unango, «por questões de estupefacientes». Diz: «Vivia com a família perto da cidade de Inhambane. Era estudante e consumidor de estupefacientes. Um dia fui apanhado. Mandaram-me para Unango. O tempo de permanência no campo dependeria do comportamento. A maior

parte de nós comportou-se bem. Daí a razão da amnistia do nosso presidente. Desde que cá estou nunca mais consumi estupefacientes.»

### Ex-reeducandos enquadram ex-improdutivos

Alguns reeducandos «desertaram» de Unango após a amnistia. «Os que ficaram — diz-

me o jovem que prefere não identificar-se — são mesmo os que estão com interesse e vontade de construir a nação.»

Após a amnistia foi criada uma estrutura de bairros (três bairros), com os seus quartéis e respectivos chefes e secretários. Nasceu a cooperativa agrícola. Seleccionou-se homens para a construção: carpinteiros e pedreiros.

Ao nível organizativo existe

em Unango um conselho executivo, com o seu presidente (nomeado de fora, através da direcção da FRELIMO), chefes de gabinete e de protocolo, que apenas se encarregam destas funções na futura cidade.

Mas após a experiência de reeducação, sem grades, dos delinquentes de Unango, nova



# “Operação Produção”: remediar alguns casos de injustiça

Experiência está a fazer desta cidade do futuro novo centro de atenções.

Há cerca de um mês e meio chegaram de Maputo 250 improditivos, apanhados pela «Operação Produção». O seu enquadramento local é feito e a aprendizagem agrícola é ministrada pelos ex-delinquentes.

## «Arranjas outra mulher no sítio para onde vais»...

Vou encontrar vários ex-improditivos nos terrenos da cooperativa agrícola de Unango, a construir as suas próprias casas, com madeiras e colmo.

Silvestre Josini, 28 anos: «Tenho mulher e três filhos. Em Maputo estava a trabalhar nos caminhos-de-ferro. Tive declaração do director em curso ficava lá efectivo. E lá ficou a declaração. Estava eu à espera do meu cartão de circulação, no bairro de Mavalane, em Maputo, quando, de repente, apareceu o camião da vigilância e fui dentro. Pedi para ir dar um cheque de três mil meticals à minha mulher e não me deixaram. Quando entrámos dentro do camião, perguntei a um responsável: 'Afinal para onde vamos? E a minha mulher?' E ele respondeu-me: 'Arranjas outra mulher no sítio para onde vais.' Fui para a prisão da Machava. Estive lá quase uma semana. E depois trouxeram-me para aqui, onde estou

a fazer trabalho de carpinteiro, a construir as nossas casas. Em Maputo trabalhava em contentores, nos caminhos-de-ferro. No bairro de Mavalane tinha uma casa com dois quartos e sala e tinha feito criação de galinhas. Deixei a minha mulher grávida de seis meses. Estou mesmo chateado. E eu que estava à espera do cartão de circulação...»

De um modo geral, pelo menos nesta fase inicial, os ex-improditivos apanhados pela «Operação Produção» não se sentem bem no Niassa. Falo com vários e nenhum admite que não trabalhava, em Maputo.

Arnaldo Vilanculos, 37 anos, casado, com dois filhos: «Em Maputo estava como pescador. Não tinha cartão nem licença. A maior parte dos pescadores trabalha por conta própria. Não sei por que vim para aqui. Só sei que voltava para Maputo de boa vontade.»



«Como habitáreis no Niassa. Aqui concedes a amnistia a 500 delinquentes, em 1979, o Presidente Samora

Raul Macoa, um antigo combatente da FRELIMO, membro da direcção da cooperativa agrícola e chefe da segurança de Unango diz-me: «Pedimos a todos os ex-improditivos que fizessem exposições sobre os seus casos, de modo a remediar alguns casos de injustiça. Mas dos 250, nem 100 o fizeram. E dos que responderam, alguns dizem que estavam a trabalhar, outros não respondem. Há uma certa confusão. Há-de vir aqui, brevemente, alguém do Ministério da Justiça para analisar esses casos. Há ex-improditivos que já não querem voltar. Dizem-me: 'Mas o que é que eu ia fazer para Maputo? Para comer uma vez por semana? Aqui como todos os dias'»

## Não há fome

Não há fome em Unango. Na cooperativa agrícola produz-se

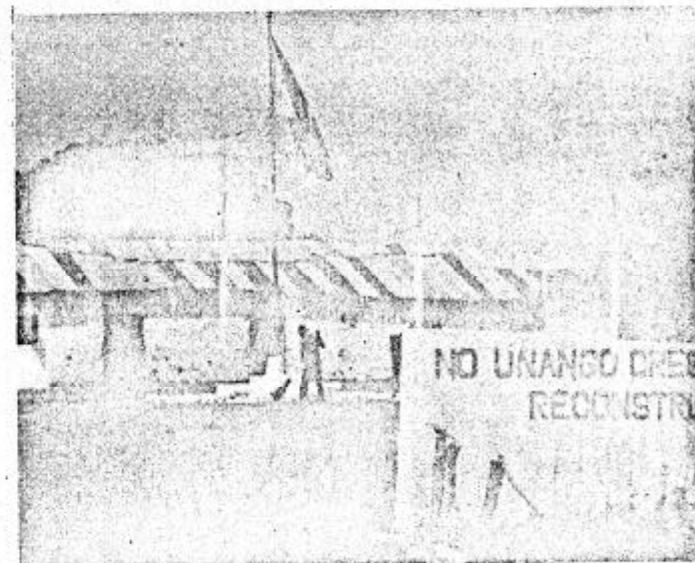
milho, feijão, amendoim (em experiência), couves, batatas, cebolas, tomates, repolhos e alfaces.

A cooperativa dispõe já de duas barragens de irrigação, uma das quais foi construída em 15 dias durante o IV Congresso da FRELIMO, este ano, tendo capacidade para 250 mil metros cúbicos de água. A outra barragem será para a criação de peixe.

«Esta deve ser a empresa agrícola mais jovem do país, que começa agora a sua terceira campanha» — diz-me o director da unidade, o engenheiro agrónomo Paulo Zucula.

A empresa agrícola de Unango é parte de um projecto integrado (com investimentos sociais e produtivos e parte agrícola, animal e vegetal), em cooperação com a República Democrática Alemã, com um efectivo de 200 trabalhadores (agora receberam mais 250, os ex-improditivos).

«Se formos ver o aspecto económico — diz o engenheiro Zucula —, a empresa tem trabalhadores a mais para o seu tamanho. Mas aspectos sociais e políticos justificam este número de trabalhadores. A força de trabalho veio de várias zonas do país. Politicamente, isto tem para nós um aspecto muito importante. Moçambique é um país em formação. A existência, em Unango, de vários grupos étnicos vai produzir uma maior heterogeneidade: temos gente de Cabo Delgado, de Gaza, de Maputo, de Nampula. No passado não havia inter-



Unango, «cidade do futuro». Antigos delinquentes, amnistiados, enquadram e ensinam ex-improditivos

câmbio entre esta província e as outras. O Niassa era uma província de guerra. É a província com maiores recursos naturais e é a província mais atrasada em termos económicos. O colonialismo investiu mais no sul. Os investimentos que aqui fez foi por causa da guerra. Em contrapartida, Niassa e Cabo Delgado são duas províncias com tradições de guerra, sem problemas de alimentação, e onde raramente aparecem bandos armados. No Sul, onde a luta de libertação se fez sentir menos, eles têm maior penetração.»

## «Únicos problemas» são diferenças salariais

Aos poucos o Niassa resolve os seus problemas e os do país: dar de comer ao Centro e ao Sul. Unango é um exemplo lapidário de como, com segurança,

sem ataques da RNM com capacidade de iniciativa, o terreno fértil responde na grande festa da fertilidade.

Problemas em Unango? «Os únicos problemas que temos — diz Paulo Zucula — são as diferenças de salários entre os trabalhadores. O salário mínimo é de 2100 meticals (cerca de sete mil escudos portugueses). O médio anda à volta de três mil e tal meticals. Relativamente ao Sul e ao Centro do país, são salários bons, porque não há escassez de alimentos e os preços dos produtos para os trabalhadores da cooperativa são mais baratos: um quilo de batatas custa aqui, para os trabalhadores, nove meticals (cerca de 30 escudos portugueses). Em Maputo custa 13 e não se encontra. Os produtos de que temos falta aqui são o óleo, o sabão e o açúcar. Mas vamos substituí-los: vamos criar óleo artesanal e substituir o açúcar

Matama é das maiores empresas agrícolas do Niassa. Tem 1200 trabalhadores e recebeu agora mais 600 ex-improdutivos, entre os quais 60 mulheres.

### «Nunca tinha trabalhado, sem gosto de trabalhar»

As mulheres, ex-improdutivas, parecem mais sinceras que os homens. Falo com algumas que não escondem a situação que tinham em Maputo.

Ricardina Augusta, 25 anos, solteira: «Não trabalhava em Maputo. Não fazia nada. Vivin em casa do meu irmão. Não fazia nada, mesmo. Fui apanhada em casa. O meu homem (homem? Sim, homem, marido, mas não é oficial...) trabalha e ficou por lá. Tenho uma filha que também lá ficou, com a minha mãe. Mas não estou contente por estar aqui. Nada... Põem-me a peneirar milho, coisa que eu nunca fiz... Quanto ganho? Não sei, ainda não comecei a receber.»

Rosa Fajiane, 19 anos, marido «não oficial», um filho: «Em Maputo trabalhava numa pastelaria, mas não tinha cartão de trabalho. A minha filha ficou em casa do pai. Já que estou aqui tenho de gostar... Mas tenho saudades do meu bairro do aeroporto.»

Angelina Jorge, 17 anos, marido «não oficial», um filho: «Não trabalhava em Maputo. Não fazia nada. Estava em casa. Nunca tinha trabalhado, nem gosto de trabalhar...»

Mulheres com maridos «não oficiais»: a Organização das Mulheres Moçambicanas esenta ao casamento civil, à legalidade das situações maritais,

uma igreja bem à portuguesa, vestígio do tempo colonial, uma escola primária e um centro de saúde fazem parte do conjunto de infra-estruturas sociais da bem apetrechada unidade produtiva estatal da Matama.

E de Matama, por picadas intermináveis, desloco-me à aldeia comunal de Lussanhando, perto de Unango.

Lussanhando, é uma aldeia linda e arejada, com ruas largas de terra batida, onde as crianças brincam com o que calha.

### Lussanhando: terra vermelha

Paulino Imede, secretário da célula do partido na aldeia, explica-me a diferença entre uma aldeia «normal» e uma aldeia comunal:

«Numa aldeia comunal existe uma cooperativa agrícola e uma cooperativa de consumo. Numa aldeia comunal toda a gente trabalha em colectivo e numa aldeia vulgar cada um por seu lado. Entre nós não existe iniciativa individual. Mas cada um tem a seu cargo uma meta de produção (normalmente dois hectares por pessoa durante a campanha agrícola). Cada trabalhador colectivo é, automaticamente, sócio das cooperativas de produção: produzimos milho, feijão, girassol, batata e hortícolas. A cooperativa de consumo garante o abastecimento de produtos de primeira necessidade: açúcar, sabão, óleo, capulanas, sapatinhas, sandálias, sal e peixe seco (carne não aparece). Temos criação de gado (20 cabeças de bois) para reprodução e tração animal.»

### A célula do partido

E qual o papel da célula do partido na aldeia? Sorri, Paulino Imede. Estamos sentados sobre um monte de maçarocas:

«Sou, como dirigente desta aldeia e da cooperativa agrícola (tenho conhecimentos sobre cooperativas). Falo com as pessoas sobre as ideias do partido e sensibilizo a população no cumprimento dos planos e da planificação (qual a necessidade de cada altura, o que deve ser produzido). A célula do partido tem 27 membros. A aldeia tinha 240 famílias (680 habitantes). Agora, com os ex-improdutivos, temos mais 176 habitantes (73 mulheres e 103 homens). A célula do partido tem feito reuniões com os ex-improdutivos. Neste momento estão no corte de estacas e de espim e na medição de talhões. Só quatro vieram com as suas mulheres...»

Não vamos dramatizar. O africano não é ocidental. Nem sempre a mulher ou o marido são as coisas mais importantes da sua vida, embora seja importante e bom ter mulher ou marido, ainda que «não-oficiais».

### Miscigenação de etnias

Muitos ex-improdutivos — já o dissemos — não mandam vir as mulheres, ou os maridos, porque não querem. Outros acabam por se casar nos locais para onde são evacuados.

Apesar de tudo, as jovens ex-improdutivas de Maputo, confessam não se adaptar aos homens do Niassa: não se tavam — dizem — e falam uma língua «esquisita»...

Cai a noite na aldeia. De repente (mistérios africanos). Ouço, por todo o lado, o bater

do pilão no almofariz: pancadas secas, pesadomas — a música do entardecer de uma aldeia linda plantada em terra vermelha.

Ouço cânticos. Um grupo coral de ex-improdutivos saudia os visitantes com danças «Makuelas». Os dançarinos levantam poeira vermelha. Cantam, em «Ronga» (língua do Sul), exortações ao trabalho, ao presidente Samora, à «Operação Produção».

### Capulanas à luz de velas

Despeço-me dos aldeões. Procuro o chefe Paulino Imede. «Está na loja» — diz-me um alfaiate que, pacatamente, cose roupa à porta da palhota, numa máquina de costura «Singer», das antigas.

Entro na loja, cooperativa de consumo. À luz de velas, um grupo de pessoas escolhe tecido de capulanas. Paulino Imede sai a sorrir, como sempre.

O director da cooperativa de consumo oferece-me uma grande colher feita de uma cabaça. Fico todo contente. E Paulino

Imede ri muito por eu estar contente. Dá-me um abraço, sorri mais uma vez e monta na sua bicicleta desmontável. Aconosco com o braço até o nosso «jeep» desaparecer na poeira vermelha de Lussanhando.

A chegada à pousada de Lichinga pretendo tomar um banho, mas, para «variar», não há água. Acabo por lavar apenas a cara, que estava vermelha, da cor de Lussanhando.

### «Isto aqui é uma pasmaceira»

Jantar, com direito a salada de frutas com papais (onde estão as papais em Moçambique?), e nova ida ao cinema, para passar o tempo. Desta vez o filme é americano e chama-se «SOS Titanic». Os moçambicanos gostam. O repórter também.

No dia seguinte parto para Nampula e de Nampula para o mundo mágico da Ilha de Moçambique.

À porta da pousada de Lichinga está um pequeno grupo de evacuados de Maputo, à espera de tomar o pequeno-

almoço. São jovens, de cabelos em «boias», de «jeans» e óculos escuros.

Vieram de Maputo há poucos dias. Ainda estão a adaptar-se à tranquilidade de Lichinga.

«Mais forte, de origem indiana, de aspecto bonacheirão, diz para o mais alto, de cabelo em «boia»: «Isto aqui é uma pasmaceira. Não se faz nada. Mas olha, descobri que há ali duas aparelhagens. A gente pode fazer o gosto ao dedo...»

Músicos. Músicos «vacuados da música».

### «São drogados, de certeza»

Ricardo Dimande, jornalista, delegado do emissor provincial de Lichinga da Rádio Moçambique e representante local do Ministério da Informação, vem-me buscar à pousada para um encontro com o governador do Niassa, Sérgio Vieira.

Encontra os jovens músicos a passear em frente à pousada e diz-me: «Que gente mais estranha... São drogados, de certeza.»



poel. O mel vai dar para os trabalhadores e para o mercado. Temos problemas de energia, mas vamos aproveitar a destreza da madeira para produzir carvão. O problema da carne atinge as pessoas que vivem de fora. As que são de cá criam pequenos animais e aves em casa. A empresa está a tentar resolver este problema promovendo a criação de aves, suínos e peixes.»

### Telchek desconhecida

Unango cresce. Unango será a «cidade do futuro». As bases já estão lançadas. Em terrenos anexos aos da empresa agrícola, estão já traçadas ruas e estradas, um hospital e uma escola. Até Dezembro vão ficar concluídas 20 casas.

O dia quase se esgota em Unango. Passa depressa. Quando chega a Lichinga é já



Ex-improdutivos, de Maputo «Nunca trabalhei, sem gosto de trabalhar...»

noite. Jantar na pousada e à noite uma ida ao cinema. Experimento a «História de um Desconhecido», adaptação sofrível de uma novela de Tchekov.

Atrás de mim, ouço moçambicanos a bocejarem. Um diz para o outro: «Tinha mais piada termos ficado no átrio a ouvir música...»

A minha frente cooperantes que se exprimem em língua eslava batem palmas no fim do filme.

Quando chego à pousada a luz é cortada. Deito-me à luz da vela, sem água no quarto de banho.

Na manhã seguinte, nova viagem pela efervescência do Niassa. Subo no «Land-Rover» com um camarada da Rádio Moçambique que vai entrevistar responsáveis agrícolas. Vamos a Matama, unidade produtiva estatal, por uma longa picada de terra vermelha.

Milho, feijão, batata, trigo, girassol, hortícolas, soja e bananas são o prato forte da empresa. No campo, trabalhadores apanham maçarocas. Junto a um celeiro um grupo come milho assado e outro prepara o almoço, com farinha de milho, mandioca e pão de trigo.

Ao passar junto a um forno, dou de caras com enormes pães caseiros, ainda a fumer. Compro cinco e como dois. Ofereço ao motorista do «Land-Rover».

para a própria defesa da mulher. Caso contrário, são, muitas vezes, confundidas com «mulheres de vida fácil...»

### Saudades dos néons

No Niassa estas mulheres recomeçam agora nova vida. Algumas não se interessam muito pelo regresso aos maridos «não oficiais». Têm mais pena é da ausência do ambiente da cidade, das luzes, dos néons, do movimento, do cinema...

Na unidade produtiva estatal da Matama, as mulheres ex-improdutivas não têm tarefas pesadas. Passam o dia a peneirar milho e algumas a pillar, para a alimentação.

A unidade existe desde 1976. Segundo Agostinho Revela, secretário para o trabalho ideológico do comité do círculo (sic), «os melhores anos agrícolas foram 79 e 82», mas «para este ano há boas perspectivas»: «O nosso principal problema — diz-me — é a falta de sacos. Por isso ainda não colhemos mais milho.»

### Chineses trabalham no duro

A unidade agrícola tem 10 cooperantes chineses, que trabalham no duro, no campo, como engenheiros agrónomos e mecânicos, ao lado dos camponeses.